


INSTITUTO

Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte D.O.U. - Sec 1 (231)
 Data 03/12/99 Pg 111-3
 Class. MM000070

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO Nº 71, DE 26 DE NOVENBRO DE 1999

Assunto: Processo FUNAI/BSB/0271/99. Referência: Terra Indígena TABOCAL. Interessado: Grupo Indígena Mura. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena a que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/0271/99, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria da antropóloga ELIANE DA SILVA SOUZA PEQUENO, que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação e delimitação da Terra Indígena TABOCAL, de ocupação do respectivo grupo tribal Mura, com superfície e perímetro aprovados de 907 hectares e 17 km respectivamente, localizada no município de Careiro, Estado do Amazonas.

2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Amazonas, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.

3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede da Prefeitura Municipal da situação do imóvel.

CARLOS FREDERICO MARÉS DE SOUZA FILHO

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA TABOCAL

Referência: Processo FUNAI/BSB/0271/99. Denominação: Terra Indígena Tabocal. Localização: Município de Careiro, Estado do Amazonas. Superfície: 907 ha. Perímetro: 17 km. Sociedade Indígena: Mura. População: 15 pessoas (1997). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico instituído pela Portaria nº 053/PRES, de 16 de janeiro de 1997, coordenado pela antropóloga Adriana Romano Athila.

I - DADOS GERAIS

Localizada à margem esquerda do lago do Castanho, entre os igarapés Guardino, Tambaqui e Matá-Matá, a Terra Indígena Tabocal inscreve-se na região abrangida pela Administração Executiva Regional de Manaus, sendo o Posto Indígena mais próximo o PIN Autazes. A via de acesso à esta terra indígena é exclusivamente fluvial.

Segundo a classificação de Loukotka (1968), a língua Mura, ao lado da Bohurá ou Buxwaray, Pirahã e Yaháhi, pertenceria ao tronco Mura e seria falada originalmente nos rios Manicoré e Mataurá, mais tarde nos rios Paraná do Mamori e Tefé, no lago do Saracó e em outras partes do Estado do Amazonas. O grupo indígena em questão é de etnia Mura e assim se autodenominam. Os Mura, atualmente, não falam sua língua original de forma sistemática, presente apenas na lembrança dos indivíduos mais velhos. Devido à dimensão da área e ao pequeno número de sua população, não foi possível realizar qualquer tipo de padronização dos movimentos migratórios. Segundo Dona Iponília, uma anciã filha do antigo capitão da TI Tabocal, os demais Mura da área foram morrendo, vítimas de doenças ou de morte natural.

Ainda que as regiões do rio Madeira e do delta do rio Autazes tenham sido um verdadeiro marco para os episódios entre os Mura e os colonizadores, a partir do que se tornaram conhecidos, segundo fontes históricas, seriam os mesmos oriundos do Peru, de onde, perseguidos, teriam para cá emigrado. O fato é que os Mura passam a ser documentados somente a partir do momento em que, por assim dizer, obstruíam os esforços colonizadores e comerciais no século XVIII na região situada entre o rio Madeira e os lagos de Autazes.

Referindo-se aos Mura do baixo Purus, Labre (1872) cita-os como semi-civilizados, alvo de uma grande depopulação. Falariam o português e a língua geral, mas não teriam se esquecido de seu próprio idioma. Para Marcoy (1875), desde o fim do século XVIII teriam os Mura se dispersado, acometidos por uma "melancolia selvagem" em lugar da tradicional belicosidade e bravura. Não teriam medo dos brancos, mas verdadeiro ódio por não poderem enfrentá-los. É interessante notarmos como esta visão dos Mura como inimigos inconciliáveis perdura até o final do século XIX, mesmo atravessada por testemunhos de sua decadência.

Em 1874, Keller-Leuzinger, explorando o Madeira, sofre investida dos Mura que, atirando flechas sobre as canoas de sua expedição, retiraram-se quando fez menção de usar do poder de armas de fogo. Menciona acontecimentos hostis relacionados aos Mura, como o ataque a uma feitoria de cacau de propriedade do paranaense Antonio Correa, flechando e levando à morte cinco índios domésticos.

No século XX, começam a surgir composições entre a história Mura global e a local. Com lotes de terras espalhados por, pelo menos, sete diferentes municípios do Estado do Amazonas, a etnia Mura tomou-se alvo constante de tentativas de usurpações territoriais, seja por regionais, seja pelo próprio Estado. Hoje, com o esforço para identificação e delimitação de seus territórios, pudemos infelizmente comprovar o sucesso de muitas destas tentativas.

É de 16 de outubro de 1917 a Lei estadual nº 941 que dá posse aos lotes de terra ocupados por silvícolas no Estado do Amazonas. Esta política de loteamento teve consequências diretas no modo de vida dos índios, marcando a continuidade de um processo de sua circunscrição a um território cada vez mais limitado. A herança desta política de lotes pode ser sentida ainda hoje, em aldeias que, apesar de serem consideradas contíguas pelos Mura, como era o caso de Arary e Aranaquara e das de Jacaré e Setemá, ambas no rio Madeira, corresponderam a dois lotes distintos.

Em 1919, os Mura são localizados conforme recenseamento feito pela Inspetoria naquele ano, no baixo Amazonas, Solimões, Madeira, Autaz, Baetas, Marmelo, Mataurá, Aripuanã e Canumã. Em 1922, Tastevin visita os Mura da região de Autazes e é de sua autoria o que pode ser considerada a mais completa etnografia produzida sobre estes índios. Para o padre e linguísta, os Mura correspondiam à população indígena do Autaz e constituiriam a maior riqueza da região. Visita os Mura do lago Jaury, Murutinga e Capivara e cita os do rio Juma, tidos como bem mais atrasados do que os demais, por não falarem com os brancos, a não ser por intermediários reconhecidos. Em 1926, Nimuendajú estima a população dos Mura em 1.390 indivíduos, distribuídos em 26 aldeias nos rios Madeira, Autaz e Urubu. Encontra os Mura da TI Rio Jumas dormindo sob estrados em suas canoas. Embora a maioria das fontes históricas pareçam confirmar que, no passado, todos eles dormiriam sob estes mesmos estrados, Nimuendajú recolhe várias descrições de diversos tipos de rede descritas como usadas pelos Mura no século XIX.

É entre estes mesmos Mura que Nimuendajú presencia uma dança noturna, onde em círculo e acompanhados por uma espécie de clarineta denominada toré, cantavam músicas sobre a preguiça (*Bradypus* sp). Após a dança homens e mulheres cometiavam sangrias uns nos outros com ossos afiados de pirarucu (*Arapaima gigas*) e tambaqui (*Piaractus brachipomum*). Em 1930, os Mura são citados ao lado de seus inimigos históricos, os Mundurucu, ambos como índios mansos, acompanhantes dos seringueiros que atacavam os índios Parintintim, ainda não contatados. A perda gradativa da língua justificou muitas tentativas de apropriação de territórios Mura. Fomecia quase um atestado de assimilação, corroborado pelo padrão de assentamento destes índios que, circulando sazonalmente por vários ambientes e regiões, poderiam ser facilmente acusados de, nestes movimentos, invadirem terras, não estabelecendo aldeamentos fixos e contrariando as exigências então vigentes para que pudessem ser classificados como índios.

De acordo com um velho morador regional da comunidade Boa Vista, no lago do Castanho, avistando parte de sua imensa extensão que mais faz com que pareça um rio: "Antigamente era só Mura! A chefe era Dona Ambrósia ... só Mura. Na Fortaleza também há até mesmo um cemitério antigo Mura aqui por perto, mas não há mais Mura por lá". Segundo ele, na década de 50, os índios teriam morrido de gripe espanhola, agravada pelo costume de tomarem banhos de rio depois das febres, ocasiões em que disse tê-los visto por muitas vezes. Este depoimento fornece a informação de que o lago do Castanho comportava, de fato, diversas porções de terra habitadas pelos Mura. O extermínio causado pelas doenças fatais, entretanto, retrataria apenas uma parte das histórias que estavam por ser conhecidas.

Os "índios antigos", como contam o Sr. Gentil e Dona Iponília, mortos por estas doenças, teriam testemunhado um tempo bastante diferente do vivido atualmente. Segundo D. Iponília, os mesmos contavam-lhe sobre o estado de fartura da TI Tabocal no passado. Tracajás, tartarugas, peixes-boi, tambaquis e pirarucus eram abundantes. A história oral apurada entre estes índios no lago do Castanho vem juntar-se a outras documentações que só agora alcançaram expressão. Através deste conjunto, inferimos que não só a TI Tabocal representa região tradicionalmente ocupada por esta etnia, quanto o próprio lago do Castanho teria sido o berço de muitos dos seus estabelecimentos populacionais Mura em outras localidades.

II - HABITAÇÃO PERMANENTE

Os Mura, entre eles, os que habitam a TI Tabocal, dispõem suas casas em barrancos à beira de rios, lagos e igarapés, definidos pelos índios como a frente da terra. O que consideram como o fundo da área é, via de regra, tido como menos habitado em caráter permanente. As habitações Mura apresentam características semelhantes às dos regionais que, em contrapartida, adquiriram os ditames da arquitetura indígena nos tantos séculos de contato, especialmente nas regiões alagáveis amazônicas. Pode-se dizer, entretanto, que as casas Mura com seus ocupantes e localização apresentam um certo padrão, tanto estético e de composição de habitantes, quanto no que concerne à sua disposição pelo território indígena, que acaba por diferenciá-las das regionais.

Todas elas dividem seu espaço em dois cômodos, com paredes feitas em trançado de palha e assoalho suspenso feito em madeiras como a paxiúba, açaí e marupá. Embora raras, há casas com paredes em tábuas de madeira, no entanto todas as construções não excedem este número de cômodos. A cobertura das casas é sempre em palha. O espaço semelhante a uma espécie de sala é, em geral, fechado em uma só parede de fibra trançada, podendo apresentar um ou mais bancos de madeira bruta, dependendo do tamanho da casa. O outro cômodo assemelha-se a um dormitório, onde penduram as redes em que dormem e guardam os poucos pertences. Este pode ou não ser fechado. No espaço localizado abaixo da casa suspensa, criam galinhas. A cozinha, um pequeno jirau sem cobertura, fica adjacente a esta construção maior, na parte dos fundos da habitação. As casas de farinha, quando existentes, ficam ainda mais para o considerado fundo da área. Pequenas casinhas são construídas com forquilhas em madeira e cobertura de palha, a fim de armazenar alguma mandioca.

O padrão Mura de ocupação foi, desde que se tem notícia, classificado como errante, e esta característica consta de todos os depoimentos dos séculos XVIII e XIX. Apesar das discussões em torno do que poderiam representar as observações destes depoentes do passado, os Mura foram caracterizados muito mais como moradores de suas embarcações do que de residências fixas. Nimuendajú observa que os Mura teriam sempre praticado a agricultura, ainda que em pequena escala, considerando ser a ausência de cultivos, mencionada por algumas fontes históricas, devida mais a uma circunstância de tempos de guerra e perseguições.

III - ATIVIDADES PRODUTIVAS

Atualmente os Mura têm na pesca sua principal atividade e fonte de proteína animal. Os instrumentos empregados nas pescarias são, em acordo com a observação e o depoimento dos próprios índios, o anzol, a flecha e o arpão. Não foi observada qualquer menção acerca do uso de malhadeiras no desempenho desta atividade, a não ser por parte de civilizados que invadiam impropriamente sua região em caráter eventual. O peixe-boi, mamífero aquático de grande porte, hoje raro no lago do Castanho e igarapés que inscrevem-se na área considerada, poderia limpar os caminhos de vegetação e liberar grande quantidade de nutrientes na água, tendo como consequência o estímulo à geração primária de peixes. Segundo os Mura, antes da captura ilegítima e predatória, notadamente por parte de civilizados, o peixe-boi podia ser facilmente encontrado no lago do Castanho e até mesmo nos igarapés que inscrevem-se na área.

Seguindo esta tendência, a piscosidade do lago do Castanho e dos demais igarapés inscritos na área proposta foi apontada por todos como mais baixa atualmente. Esta escassez se faz sentir principalmente quando se consideram os peixes de maior porte como o tambaqui e o pirarucu. Os índios atribuem esta deficiência à pesca indevida em seu território. As características ambientais desfavoráveis da região, soma-se uma série de práticas inadequadas por parte de civilizados, que acirram ainda mais a vulnerabilidade do tipo de ecossistema encontrado na TI Tabocal. Todas estas circunstâncias não descaracterizaram os Mura que mantêm a pesca como atividade principal ao lado do cultivo da mandioca para a produção de farinha. Estas duas atividades constituem, juntas, o binômio principal da dieta Mura.

A caça é tida como uma atividade que exige mais habilidade por parte de quem a pratica. Atividade também tradicional dos Mura, há muitas histórias contadas que falam de donos da caça. Os Mura da TI Tabocal, entretanto, dizem que a caça está muito difícil atualmente. O centro da região, como os Mura chamam a parte mais interna de sua área, pode ser alcançado penetrando-se nos igarapés nela inscritos, como o Matá-Matá, em um ponto extremo e o Patrona, que atravessa os fundos das habitações da TI Tabocal, até alcançar o igarapé Guardino, em outro extremo dos limites propostos para esta mesma superfície. As espécies mais comuns são a anta, paca, cutia e o tatu. Dificilmente vê-se animais aquáticos como a lontra ou o peixe-boi, segundo os índios, bastante abundantes no passado. Quelônios como a tartaruga e o tracajá também são raros atualmente.

A coleta de frutos se estabeleceu também como prática tradicional de subsistência para os Mura. As frutas eram sazonalmente coletadas, retiradas de diversas regiões e ambientes, em acordo com o conhecimento íntimo das épocas propícias para a frutificação de cada espécie em particular. Os Mura atuais, de fato, pouco plantam e têm na farinha de mandioca o principal alimento vegetal consumido. Na TI Tabocal, os Mura dizem plantar menos atualmente do que o faziam no passado. O pequeno número e a idade avançada dos habitantes do local fizeram com que a gama de produtos cultivados por eles seja ainda menor do que os cultivados pelos Mura de outras terras indígenas. A mandioca cultivada é exclusivamente a brava e é utilizada para a fabricação de farinha que constitui uma das bases de sua alimentação.

Algumas frutíferas utilizadas podem ser nativas ou plantadas como é o caso do cupiúcu e da banana. Os Mura da TI Tabocal não trabalham com a castanha, pois dizem já estar velhos para fazê-lo. Nesta área, os índios pouco se utilizam da madeira, que é empregada exclusivamente na construção de suas casas e ainda assim, em bem pouca quantidade. Paradoxalmente, as madeiras de lei são raras pela terra pois, segundo os próprios índios, foi gradual e sistematicamente retirada por invasores, sem qualquer tipo de permissão.

Criados exclusivamente para consumo da carne e ovos, patos e principalmente galinhas, povoam a parte da residência que fica em baixo dos assoalhos suspensos, em uma média de 10 a 20 por casa. Galinhas, patos e seus ovos, no entanto, jamais foram citados, de pronto, como alimentos rotineiros e não foi observado, durante a estadia do Grupo Técnico na área, qualquer tipo de carne nas refeições que não fosse de peixe.

IV - MEIO AMBIENTE

Rios e lagos de água preta, como é o caso do lago do Castanho, foram analisados a partir de abordagens bastante diferenciadas, uma vez que apresentam um leque de características peculiares e não-observáveis em outras regiões amazônicas. Os solos argilo-arenosos, extremamente ácidos e com uma saturação de alumínio que alcança níveis tóxicos, vêm a determinar a especificidade das regiões atravessadas por estes rios, particularmente sua notável deficiência de nutrientes. A característica oligotrófica da região, como é denominada a carência de nutrientes, tem seu reflexo imediato na quantidade e na qualidade da flora e da fauna do ambiente considerado.

As florestas pluviais do trópico úmido, encontradas na área, apresentam grande diversidade biológica, embora concentrem apenas um pequeno número de indivíduos por espécie em uma dada área. O número de espécies vegetais encontrado por hectare pode ser, exageradamente, de até 600, sendo a média mais comum situada no intervalo entre 80-200 espécies/hectare.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

Não há qualquer censo demográfico anterior disponível sobre a TI Tabocal, a exceção dos dados populacionais indiscriminados de 1971, quando os Mura da TI Tabocal somariam 137 índios, entre 72 adultos e 65 crianças. Também não há referência ao nome, sexo, faixa etária ou habitantes por casas. Frente a ausência de dados mais específicos sobre a composição desta população em 1971, somente poderíamos, hoje, diante do contingente populacional de 15 índios, especular sobre as causas da brutal diminuição de seu número.

Para os Mura, especialmente, esta gradativa limitação de seus territórios ou sua divisão com civilizados foi decisiva, tanto para sua usurpação, quanto para a manutenção de sua estratégia tradicional de subsistência. Os Mura circulam constantemente por suas terras, aproveitando recursos por ela dispersos em seus lagos, igarapés, igapós e nas terras firmes incluindo, ainda, viagens a outras terras indígenas Mura.

VI - LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO

A TI Tabocal desfrutava de uma situação fundiária especial. Absorvida recentemente por um assentamento do INCRA, foi "barganhada" tacitamente por lotes de terra que circunscreveram o espaço ocupado pelas casas dos Mura, ao mesmo tempo em que lhes subtraíram terras tradicionalmente ocupadas e exploradas por eles e seus ascendentes. Portanto, o Projeto de Assentamento Nova Residência incide sobre a TI Tabocal que, lembramos, aí encontra-se estabelecida desde longa data.

Quanto ao quadro de detentores de posse observa-se que 36% deles possuem residências fora da área do assentamento, divididos entre a cidade de Manaus e a de Careiro. Dois detentores estavam ausentes de suas casas, completamente fechadas e um deles possuía uma espécie de "caseiro". Outro dado relevante é o de que a maioria das ocupações variam entre 01 e 06 anos de estabelecimento, caracterizando-se como muito posteriores à criação oficial do PA Nova Residência, de acordo com a documentação, efetivada no ano de 1988. A mais antiga ocupação foi estabelecida no ano de 1980, sendo conseqüentemente posterior à menção documental da TI Tabocal pela FUNAI, em 1971.

Desta forma, todas estas considerações esperam estar contempladas no estudo a partir do qual originou-se a proposta de delimitação da TI Tabocal. O resultado direto disto é que dos aproximados 1.500 hectares ocupados pelos Mura entre o lago do Castanho e o igarapé Andiroba na década de 70, é bem verdade que com uma população bastante superior à encontrada em nossos dias, contam hoje com apenas 907 hectares.

Ressalta-se que, uma vez contempladas as condições mínimas de reprodução física e cultural destes índios, procurou-se poupar boa parte do PA Nova Residência, atingido basicamente em lotes localizados à margem direita do igarapé Tambaqui e no interior do igarapé Patrona. Os 907 hectares constituintes da atual proposta de delimitação da TI Tabocal ocupam pouco menos do que a metade da área pela qual estende-se o assentamento. Portanto, entre a TI Tabocal e o PA Nova Residência propõe-se um isolamento pautado em limites naturais e bastante visíveis, o que acreditamos ser a única forma de manter preservados o território e o grupo étnico que há muito o ocupa.

O Grupo Técnico apurou que os ocupantes não-índios são todos pequenos agricultores. Embora o destino de sua produção como sendo "geralmente" o "sustento da família" observa-se pela própria composição de suas culturas que, além da subsistência ela atende ao objetivo de comercialização em pequena e média escala. Isto fica evidente quando comparamos a quantidade e a composição dos produtos cultivados pelos brancos e pelos Mura da TI Tabocal. Entre estes últimos a variedade de produtos é privilegiada enquanto a quantidade de cada um deles é diretamente proporcional à sua participação na dieta que adotam. Entre os ocupantes brancos, ocorre justamente o oposto. Alguns produtos são plantados em quantidades desproporcionais ao seu consumo, como o abacaxi, que atinge em um dos casos 22.000 pés, a banana, a cana-de-açúcar e o quicuiu da Amazônia, cujo plantio chega a alcançar 3 hectares.

Segundo relatos dos Mura, sempre houve muitas invasões em sua aldeia, ao que atribuem a responsabilidade pelo estado de escassez de recursos atual, notadamente se considerados animais para pesca, caça e a disponibilidade de madeiras. A criação do PA Nova Residência provavelmente pôs fim a estas invasões, mas o fazendo, apenas tornou permanente a presença de ocupantes indevidos usufruindo de todos os recursos em terras tradicionalmente pertencentes à etnia Mura.

TI TABOCAL - QUADRO DE OCUPANTES NÃO ÍNDIOS (1997)

Nome do ocupante	Nome dos lotes	incidência na TI	tempo de ocupação
RAIMUNDO FERREIRA DA SILVA	Nova Esperança	60 ha	4 anos
ANTONIO VITER RIBEIRO	Santo Antônio	-	1 ano
EDSON SOARES CABRAL	Três Irmãos	48 ha	16 anos
PAULO CRAVEIRO DA SILVA	Cinco irmãos	40 ha	3 anos
SEBASTIÃO M. COSTA	São Sebastião	34 ha	6 anos
RUBBENS LEO (não reside no imóvel)	-	-	-
ANTÔNIO B. NASCIMENTO	Santo Antônio	50 ha	4 anos
SECUNDINO PEREIRA DO LAGO	Nova Vida	71 ha	18 anos
PEDRO (não reside no imóvel)	São Lourenço da Mata	-	-
ORMINDA SOARES DOS SANTOS	-	50 ha	10 anos
JOSE CORREA DE SOUZA	São José	31 ha	2 anos

VII - CONCLUSÃO E DELIMITAÇÃO

A proposta de limites para a TI Tabocal apresentada pelo Grupo Técnico constituído através da Portaria nº 053/PRES/97, com superfície de 907 hectares e perímetro de 17 quilômetros, aproximadamente, é fruto de acurados estudos realizados *in loco* que indicam ser a área proposta a minimamente necessária à manutenção da organização sócio-cultural dos Mura que a ocupam.

O GT considerou os dados documentais e históricos que testemunham a presença da etnia Mura no lago do Castanho em geral e especificamente nas terras situadas entre a margem esquerda deste mesmo lago e o igarapé Andiroba, aspectos populacionais, ecológicos e de subsistência tradicional destes índios em sua localização atual. Na definição dos limites para a TI Tabocal procurou-se levar em consideração as linhas naturais e sua relação com a distribuição habitacional dos Mura incluindo os locais fundamentais ao desenvolvimento de suas atividades produtivas, especialmente a pesca, que acontece nos igarapés inscritos na terra identificada.

A identificação e delimitação comprova a ocupação histórica Mura, apontando a TI Tabocal como lugar tradicional e permanentemente ocupado por estes índios. O Relatório aponta a utilização da terra pelos Mura, descrevendo o processo pelo qual a área foi ocupada e elaborando proposta suficiente às demandas físicas e culturais de sua organização social, conforme o disposto no art. 231 da Constituição Federal. Diante do exposto, conclui-se que historicamente, e de fato, a TI Tabocal, conforme mapa e memorial descritivo a seguir, é de ocupação tradicional e permanente dos índios Mura, pelo que recomenda-se o prosseguimento do processo administrativo de demarcação da área proposta.

ELIANE DA SILVA SOUZA PEQUENO
 Antropóloga/DEID/DAF

Diretoria de Assuntos Fundiários-DAF
 Departamento de Demarcação-DED
 Memorial Descritivo de Delimitação
 Denominação
 Terra Indígena Tabocal
 Aldeia Integrante
 Tabocal
 Grupo Indígena
 Mura

Localização

Município : Careiro Estado : Amazonas
 Administração Executiva Regional de Manaus – AM

Coordenadas dos Extremos

Extremos	Latitude	Longitude
Norte	03°42'43" S e	60°22'52" WGr.
Leste	03°42'43" S e	60°22'52" WGr.
Sul	03°44'59" S e	60°25'09" WGr.
Oeste	03°44'25" S e	60°25'46" WGr.

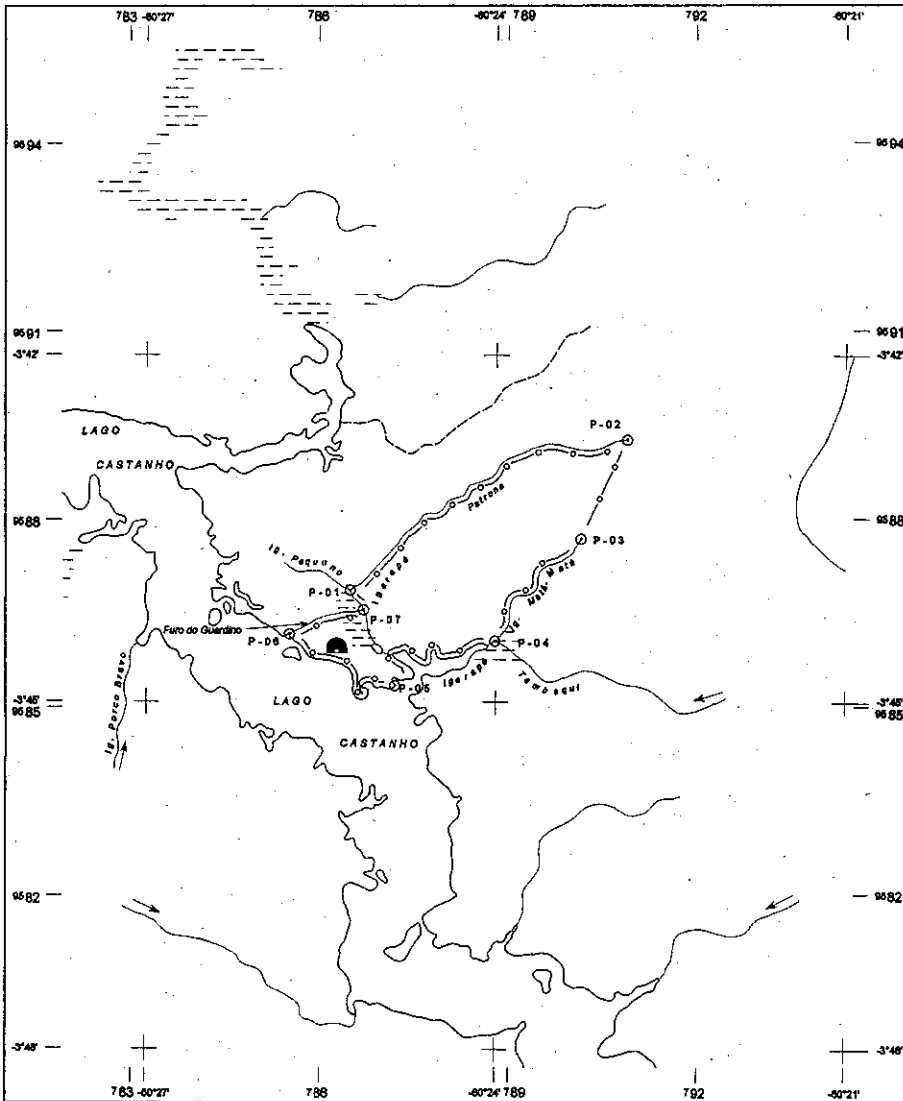
Base Cartográfica

Nomenclatura	Escala	Órgão	Ano
SA.20-Z-D-VI	1:100.000	DSG	1980


Superfície: 907 ha (novecentos e sete hectares), aproximadamente.
 Perímetro: 17 km (dezessete quilômetros), aproximadamente.

Descrição do Perímetro

NORTE : Partindo do Ponto 01, de coordenadas geográficas aproximadas 03°44'02"S e 60°25'15"WGr., situado na confluência do Igarapé Pequeno com o Igarapé Patrona, segue pelo último, a montante, até o Ponto 02, de coordenadas geográficas aproximadas 03°42'43"S e 60°22'52"WGr., situado em sua cabeceira. **LESTE** : Do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, até o Ponto 03, de coordenadas geográficas aproximadas 03°43'35"S e 60°23'16"WGr., situado na cabeceira do Igarapé Matá-Matá; daí, segue pelo referido igarapé, a jusante, até o Ponto 04, de coordenadas geográficas aproximadas 03°44'28"S e 60°24'00"WGr., situado na confluência com o Igarapé Tambaqui. **SUL** : Do ponto antes descrito, segue pelo Igarapé Tambaqui, a jusante, até o Ponto 05, de coordenadas geográficas aproximadas 03°44'51"S e 60°24'52"WGr., situado em sua margem direita, na confluência com o Lago Castanho; daí, segue pela margem do referido lago, na direção geral noroeste, até o Ponto 06, de coordenadas geográficas aproximadas 03°44'25"S e 60°25'46"WGr., situado na confluência com o Furo do Guardino. **OESTE** : Do ponto antes descrito, segue pelo referido furo, na direção geral nordeste, até o Ponto 07, de coordenadas geográficas aproximadas 03°44'12"S e 60°25'08"WGr., situado na confluência com o Igarapé Patrona; daí, segue pelo referido igarapé, a montante, até o Ponto 01, início da descrição deste perímetro. **Obs.**: Base cartográfica utilizada na elaboração deste memorial descritivo: SA.20-Z-D-VI. Escala 1:100.000 - DSG - 1980. Técnico Responsável pela definição dos limites Sebastião Carlos Baptista - Engº Agrimensor - DFU/AER/MAO



- SINAIS CONVENCIONAIS**
- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
 - ⊕ POSTO INDÍGENA, CAMPO DE POUSO
 - ▲ ALDEIA INDÍGENA, MALUCA INDÍGENA
 - ⊙ MARCO DE DIVISA, PONTO DE SATÉLITE
 - ⊙ PONTO DIGITALIZADO, DIREÇÃO DE CORRENTE
 - ▭ PLACA INDICATIVA, CERCA DE ARAME
 - ▬ RODOVIA DE REVESTIMENTO SÓLIDO
 - ▬ RODOVIA TRANSITÁVEL O ANO TODO
 - ▬ RODOVIA TRANSITÁVEL EM TEMPO BOA CAMINHO
 - ▬ RIO PERMANENTE, RIO INTERMITENTE
 - ▬ LAGO OU LAGOA, TERRENO SUJEITO A INUNDAÇÃO
 - ▬ LIMITE ESTADUAL, LIMITE MUNICIPAL

 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF	
PERMISÃO: TERRA INDÍGENA TABOCAL	
PLURIA: DELIMITAÇÃO	
SUPERFÍCIE: 907 Ha	PERÍMETRO: 17 Km
ESCALA: 1:80.000	DATA: 26/05/99
PROCESSO: 888/271/89	BASE CARTOGRÁFICA: SA.20-Z-D-VI
RESP. TEC. DEFINIÇÃO LIMITES: ADRIANA ROMÃO ATHILA ARTECIPÓLOGA	RESP. TEC. IDENTIFICAÇÃO LIMITES: VÍTO CHEFE DO DEPT.
RESP. TEC. IDENTIFICAÇÃO LIMITES: SEBASTIÃO CARLOS BAPTISTA ENGENHEIRO AGRIMENSOR CHEFE DE TITULAÇÃO	RESP. TEC. IDENTIFICAÇÃO LIMITES: MARCEL FRANCISCO COLOMBO ENGENHEIRO AGRIMENSOR CHEFE DE TITULAÇÃO
PORTARIA Nº: 053/PRES/97	